

**A FUNÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA BARATA
NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE COMPARADA
ENTRE A *METAMORFOSE*, DE FRANZ KAFKA,
E A *PAIXÃO SEGUNDO G. H.*, DE CLARICE LISPECTOR**

Anderson Rany Cardoso da Silva (UEPB)
andersomrany031@gmail.com
Márcio Gomes (UEPB)

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar os seguintes textos literários: *A Metamorfose*, de Franz Kafka (1985), e *A Paixão Segundo G. H.* (2014), de Clarice Lispector. Para tanto, objetiva perceber, nos textos, de que maneira os autores usam a metáfora da barata para exemplificar situações do cotidiano e, conseqüentemente, tentar compreender de que forma essa discussão se insere em uma sociedade regida por padrões estéticos. A metodologia de pesquisa empreendida se contrapõe à pesquisa quantitativa de orientação positivista e se caracteriza por ser de natureza essencialmente qualitativa e interpretativa, no sentido de que trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2001), com o intuito de a partir da comparação das obras construir uma interpretação a propósito do tema em questão. Como lastro teórico, em que se assentam nossas reflexões, apoiamo-nos em Georges Vigarello (1996), Chantal Jaquet (s/d) e Anne Marie Moulin (2009), para os quais o corpo é uma questão central. Os resultados advindos da análise comparativa dos textos literários apontam que a barata é vista, na maioria das vezes, como um ser sujo, que representa medo e repugnância. Nas obras em epígrafe, a metáfora da barata é utilizada para representar esses sentimentos em situações cotidianas. Contudo, isso não é algo que pode ser generalizado, uma vez que a metáfora da barata em Franz Kafka (1985) aponta para uma transformação, enquanto em Clarice Lispector (2014) representa uma reflexão.

Palavras-chave:

Análise literária. Estudos culturais. Literatura comparada. Reflexões sociais.

ABSTRACT

The article aims to analyze the texts literary texts: *A Metamorphose*, of Franz Kafka (1985), and *A Paixão Segundo G. H.*, of Clarice Lispector (2014). Therefore, it aims understand, in the texts, how do the authors use the cockroach metaphor to exemplify everyday situations and, consequently, try to understand how this discussion fits into a society governed by aesthetic standards. The research methodology undertaken contrasts with the quantitative research of positivist orientation and it is characterized by being essentially qualitative and interpretative in the sense that it works with a universe of meanings, motives, aspirations, beliefs, values and attitudes (MINAYO, 2001), from the comparison of the works to construct and interpretation about the theme in question. As a theoretical basis on which our reflections are based, we rely on Georges Vigarello (1996), Chantal Jaquet (s/d) e Anne Marie Moulin (2009), for which the body is

a central issue. The results from the comparative analysis of literate texts indicate that the cockroach is seen, mostly, like a dirty being, which represents fear and loathing. In the above works, the cockroach metaphor is used to represent these feelings in everyday situations. But, this is not something that can be something, because the cockroach metaphor in Franz Kafka (1985) points to the transformation, while in Clarice Lispector (2014) represents a reflection.

Key words:

Literary analysis. Cultural studies. Comparative literature. Social reflections.

1. Contextualização do estudo

O presente trabalho é fruto das discussões provindas dos encontros de aula na disciplina de literatura comparada, nos quais conversamos sobre, principalmente, os estudos culturais que envolvem a literatura. Desse modo, falamos sobre corpo, subjetividade, odor, reflexões e transformações das experiências humanas, entre outros inúmeros assuntos e temas.

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a realizar uma análise comparada de textos literários, sendo eles: *A Metamorfose* de Franz Kafka e *A Paixão Segundo G. H.* de Clarice Lispector. A escolha dos textos partiu das discussões em sala de aula, sendo que o segundo foi escolha do autor deste trabalho. Além disso, outro motivo que favoreceu a escolha, é que ambos os textos fazem jogo de sentido com a metáfora da barata.

Para guiar o trabalho foram estabelecidas as seguintes perguntas de pesquisa: *Qual o objetivo dos autores, nas suas obras literárias, em utilizar a metáfora da barata? Até que ponto e de que maneira isso reflete social e culturalmente na vida dos protagonistas das obras?*

Partindo dessas perguntas de pesquisa, pretendemos, então, perceber os motivos que levam os autores das obras literárias a utilizarem a metáfora da barata para representar situações do cotidiano e vivências humanas. Além disso, analisar até que ponto essas metáforas refletem, culturalmente, em uma sociedade regida por padrões socioculturais.

A metodologia de pesquisa empreendida contrapõe-se à pesquisa quantitativa de orientação positivista e caracteriza-se como de natureza essencialmente qualitativa e interpretativa, no sentido de que trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2001). Nesse sentido, nos interessa perceber quais aspirações, significados e sentidos perpassam as obras literárias dos dois autores citados anteriormente.

Dessa forma, a primeira parte do trabalho vai apresentar a discussão do arcabouço teórico onde serão discutidos alguns aspectos dos estudos culturais, principalmente, envolvendo o corpo e suas vertentes. No ponto seguinte, apresentamos, então, as análises dos textos literários e por fim, e não menos importante, tecemos algumas considerações finais, que evidenciam além de uma conclusão, pontos de reflexão envolvendo a metáfora da barata.

2. Discussão do arcabouço teórico

A barata, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, designa uma espécie de insetos que se nutrem por toda sorte de produtos, isto é, restos de alimento. Contaminam estes alimentos, têm odor desagradável e são, por isso, pragas sérias. Ao encontro deste pensamento, as pessoas agem diante deste inseto, ponto chave de nossa discussão, com repugnância, nojo, asco e medo, uma vez que o inseto aponta para sujeira, imundice e esqualidez. Dessa maneira, enquanto a borboleta, por exemplo, desperta nas pessoas o sentimento de beleza e sensibilidade, a barata aguça o sentimento de nojo e medo.

Partindo desse pressuposto, a barata além de ser um corpo estranho na normalidade cotidiana, ela ainda representa odor. Diante disso, Chantal Jaquet (s/d, p. 27) em *Filosofia do Odor* vai apontar que:

Não é por acaso que a acuidade do olfato é geralmente considerada pelos primeiros antropólogos como própria aos selvagens. [...] A sutilidade do olfato aparece frequentemente como um sinal de selvageria, o que explica seu descrédito. Em contrapartida, o desafio em relação ao nariz marca uma ruptura com o estado selvagem e a passagem à civilização. Se o olfato eleva os balbucios da humanidade e pode ter uma importância em seu estágio infantil, o homem deve se separar disso ou pelo menos deixá-lo inculto por privilegiar o desenvolvimento dos outros sentidos.

Nesse sentido, iremos observar se isso também é recorrente nos textos literários que estamos nos propondo a analisar, ou seja, de associar a imagem da barata somente ao mau cheiro e, possivelmente, à sujeira do corpo.

Dando continuidade, a barata também é vista, na maioria das situações, como um antônimo de saúde. Em outras palavras, a barata, dificilmente, vai ser associada a saúde e limpeza, pois, como dito anteriormente, a sua imagem está ligada à sujeira, provocando, assim, nas pessoas o sentimento de medo e asco. A saúde passa, pois, a ser uma utopia imaginada

pelas pessoas para os corpos, como forma de comprovarmos isso lançamos mão do que aponta Anne Marie Moulin (2009).

A extensão dos fatores que intervêm na definição da saúde, que cobrem a totalidade do campo biológico e social, torna de fato improvável a posse desse estado de bem-aventurança, privilégio inatingível: não apenas a saúde no silêncio resignado dos órgãos, definição minimalista do fisiologista e cirurgião Leriche, mas a saúde exuberante, a grande saúde como proclama com eloquência Nietzsche. A saúde passou a ser a verdade e a utopia do corpo, aposta da ordem social e de uma ordem internacional futura, mais equitativa e mais justa, no conjunto do mundo. (MOULIN, 2009, p. 03)

Dessa maneira, iremos nos atentar também, em nossa análise, se a barata é indissociada de aspectos que envolvam a saúde, e se as baratas representadas por meio de metáforas, nos textos literários, são ou não sinônimos de aversão ao que é saudável.

Outro ponto pelo qual podemos nos sustentar é em relação à limpeza do corpo, uma entre tantas obrigações da sociedade hodierna que exige a limpeza corporal, como forma de ser bem-visto socialmente. Dessa maneira, pensar se os corpos dos personagens dos textos literários são considerados sujos ou não, de acordo com as metáforas da barata que são utilizadas nos textos.

Dessa maneira, a prática de limpeza ao corpo não é um aspecto que surge somente na sociedade moderna. Tal prática vem desde aos primórdios da humanidade, e como diz Georges Vigarello (1996), isso foi uma prática constante da idade média.

Essas práticas e a civilidade da Idade Média evidentemente não constituem, em si, uma origem. Não são o “início” da limpeza do corpo. Mas seu interesse é duplo: nelas as normas se sistematizam e são as ancestrais das nossas, ao mesmo tempo que funcionam de modo muito diferente. Podem constituir, nesse sentido, um exemplo suficientemente importante para ser escolhido aqui como uma primeira figura. (VIGARELLO, 1996, p. 51)

Diante disso, a limpeza do corpo perpassa inúmeras questões, que dizem respeito não somente a uma limpeza corporal, mas também espiritual. Além disso, é uma prática atravessada por inúmeras normas e sistematizações.

A partir de tudo que foi inserido nessa pequena fundamentação teórica podemos, pois, sustentar a nossa análise que segue na próxima sessão deste trabalho.

3. Análise dos dados

À baliza de tudo que foi explanado anteriormente, partimos, pois, para a análise dos dados, que dizem respeito ao texto de Franz Kafka, *A Metamorfose*, e o texto de Clarice Lispector, *A Paixão Segundo G. H.* Iremos, primeiro, analisar cada texto isoladamente, para posteriormente sintetizar os resultados e comparar a imagem da barata que existe nas duas obras literárias escolhidas. Diante disso, iremos perceber de que maneira esses autores utilizam a metáfora da barata para retratar situações do cotidiano dos personagens em evidência.

De primeira mão, o texto de Franz Kafka (1985) trata sobre a história de Gregor Samsa, um homem batalhador que todos querem ao seu redor, porém isso só é visto até o momento em que ele se transforma em um animal medonho e temido pela maioria. O protagonista se transforma em uma barata. Dessa maneira, vejamos, pois, um excerto do livro que já evidencia o desprezo da irmã do protagonista para com ele.

Admitindo que a irmã, exausta pelo trabalho diário, se tivesse cansado de tratar de Gregório como anteriormente fazia, não havia razão para a mãe intervir, nem para ele ser esquecido. Havia a empregada, uma velha viúva cuja vigorosa ossatura lhe tinha permitido resistir às agruras de uma longa vida e que não temia Gregório. Conquanto nada tivesse de curiosa, tinha certa vez aberto acidentalmente a porta do quarto de Gregório, o qual, apanhado de surpresa, desatara a correr para um lado e para outro, mesmo que ninguém o perseguisse, e, ao vê-lo, deixara-se estar de braços cruzados. De então em diante nunca deixará de abrir um pouco a porta, de manhã e à tarde, para o espreitar. A princípio até o chamava, empregando expressões que certamente considerava simpáticas, tais como: Venha cá, sua barata velha! Olhem-me só para esta barata velha do Gregório não respondia a tais chamados, permanecendo imóvel, como se nada fosse com ele. Em vez de a deixarem incomodá-lo daquela maneira sempre que lhe dava na gana, bem podia mandá-la fazer todos os dias a limpeza ao quarto! Numa ocasião, de manhã cedo, num dia em que a chuva fustigava as vidraças, talvez anunciando a chegada da Primavera. Gregório ficou tão irritado quando ela principiou de novo que correu no seu encaço, como se estivesse disposto a atacá-la, embora com movimentos lentos fracos. A empregada, em vez de assustar-se, limitou-se a erguer uma cadeira que estava junto da porta e ali ficou de boca aberta, na patente intenção de só a fechar depois de a abater sobre o dorso de Gregório. (KAFKA, 1985, p. 26)

É a partir disso que o autor da obra tenta lançar sua principal mensagem: de que quando somos úteis todos nos querem por perto, porém quando algo de ruim acontece todos se afastam e não ajudam o semelhante. Assim acontece com o protagonista da obra, sua aparência física se sobrepõe sobre o seu caráter, fazendo com que todos se afastem dele devido a sua transformação.

Depois saíram juntos de casa, coisa que não sucedia havia meses, e meteram-se num trem em direção ao campo, nos arredores da cidade. Dentro do trem onde eram os únicos passageiros, sentia-se o calor do sol. Confortavelmente reclinados nos assentos, falaram das perspectivas futuras, que, bem vistas as coisas, não eram más de todo. Discutiram os empregos que tinham, o que nunca tinham feito até então, e chegaram à conclusão de que todos eles eram estupendos e pareciam promissores. A melhor maneira de atingirem uma situação menos apertada era, evidentemente, mudarem-se para uma casa menor, que fosse mais barata, mas também com melhor situação e mais fácil de governar que a anterior, cuja escolha fora feita por Gregório. Enquanto conversavam sobre estes assuntos, o Senhor e a Senhora Samsa notaram, de súbito, quase ao mesmo tempo, a crescente vivacidade de Grete, de que, apesar de todos os desgostos dos últimos tempos, que a haviam tornado pálida, se tinha transformado numa bonita e esbelta menina. O reconhecimento desta transformação tranquilizou-os e, quase inconscientemente, trocaram olhares de aprovação total, concluindo que se aproximava a altura de lhe arranjar um bom marido. E quando, terminado o passeio, a filha se pôs de pé antes deles, distendendo o corpo jovem, sentiram, com isso, que aqueles novos sonhos e suas esperançosas intenções haviam de ser realizados. (KAFKA, 1985, p. 26)

Outro ponto a se destacar na transformação do protagonista, assim como podemos ver na citação acima retirada da obra literária, é que o reconhecimento da transformação de Gregor tranquilizou os seus parentes, fazendo com que, naquele momento de aceitação, eles pudessem se tranquilizar diante de situação de terem um parente transformado em uma barata. Para tanto, a vida do protagonista na narrativa vai desde à transformação até a aceitação dos familiares. Este último fato traz de volta à tranquilidade na relação de (des)afetos.

Dando continuidade, Clarice Lispector (2014) é outra autora que vai trazer a metáfora da barata para dentro de sua obra, *A Paixão Segundo G. H.*, como podemos ver nas citações que se seguem. Diferente de Franz Kafka (1985), Clarice Lispector (2014) vai apontar reflexões que são provocadas por uma simples barata de um quarto escuro abandonado.

Então, antes de entender, meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem.

De encontro ao rosto que eu pusera dentro da abertura, bem próximo de meus olhos, na meia escuridão, movera-se a barata grossa. Meu grito foi tão abafado que só pelo silêncio contrastante percebi que não havia gritado. O grito ficara me batendo dentro do peito.

Nada, não era nada – procurei imediatamente me apaziguar diante de meu susto. É que eu não esperava que, numa casa minuciosamente desinfetada contra o meu nojo por baratas, eu não esperava que o quarto tivesse escapado. Não, não era nada. Era uma barata que lentamente se movia em direção à fresta.

Pela lentidão e grossura, era uma barata muito velha. No meu arcaico horror

por baratas eu aprendera a adivinhar, mesmo à distância, suas idades e perigos; mesmo sem nunca ter realmente encarado uma barata eu conhecia os seus processos de existência.

Só que ter descoberto súbita vida na nudez do quarto me assustara como se eu descobrisse que o quarto morto era na verdade potente. Tudo ali havia secado – mas restara uma barata. Uma barata tão velha que era imemorial. (LISPECTOR, 2014, p. 45)

Em primeira instância, a narrativa de Clarice Lispector trata de uma senhora que precisou demitir a empregada e se ver diante da situação de arrumar e limpar sua casa. Em meio a essa cena do cotidiano, ela se depara com o seu maior medo: uma barata, responsável pelo seu susto e medo. Desta maneira, ela precisa, diante dessa situação, enfrentar seus medos e anseios.

Fiquei imóvel, calculando desordenadamente. Estava atenta, eu estava toda atenta. Em mim um sentimento de grande espera havia crescido, e uma resignação surpreendida: é que nesta espera atenta eu reconhecia todas as minhas esperar anteriores, eu reconhecia a atenção de que também antes vivera, a atenção que nunca me abandona e que, em última análise, talvez seja a coisa mais colada à minha vida – quem sabe aquela atenção era a minha própria vida. Também a barata: qual é o único sentimento de uma barata? A atenção de viver, inextricável de seu corpo. Em mim, tudo o que eu superpusera ao inextricável de mim, provavelmente jamais chegara a abafar a atenção que, mais que atenção à vida, era o próprio processo de vida em mim. Foi então que a barata começou a emergir do fundo. (LISPECTOR, 2014, p. 49)

Além de enfrentar seus medos e anseios, a protagonista passa por um processo de ressignificação da sua existência, enquanto pessoa. Como a autora mesmo diz: “Uma ressignificação surpreendida” (*idem*), isto é, ela se surpreende, em seu processo de reflexão, que o medo, naquele momento, estava sendo substituído por um processo de ressignificação do ser, não só diante da barata, como também diante da sociedade em que habita.

Depois, atrás dos fios secos, o corpo relutante foi aparecendo. Até chegar quase toda à tona da abertura do armário. Era parda, era hesitante como se fosse um enorme de peso. Estava agora quase toda visível. Abaixei rapidamente os olhos. Ao esconder os olhos, eu escondida da barata, a astúcia que me tomara – o coração me batia quase como uma alegria. É que inesperadamente eu sentira que tinha recursos, nunca antes havia usado meus recursos – e agora toda uma potência latente enfim me latejava, e uma grandeza me tomava: a da coragem, como se o medo mesmo fosse o que me tivesse enfim investido de minha coragem. Momentos antes eu superficialmente julgara que meus sentimentos eram apenas de indignação e de nojo, mas agora eu reconhecia – embora nunca tivesse conhecido antes – que o que sucedia é que enfim eu assumira um medo grande, muito maior do que eu. (LISPECTOR, 2014, p. 51)

Nessa terceira citação conseguimos perceber a transição da

personagem entre o medo e a coragem. Tal movimento só foi capaz devido à entrada da barata na narrativa. Logo, a autora faz uso da metáfora da barata como forma de empoderar e encorajar a personagem da história.

Sendo assim, a reboque do que foi visto nestas pequenas análises, podemos perceber que enquanto na obra de Franz Kafka (1985) a metáfora da barata é usada para demonstrar a transformação física de um indivíduo, nesse caso o protagonista da narrativa, e que isso provoca o medo das pessoas que estão ao seu redor, na obra de Clarice Lispector (2014), a barata é um ponto chave para a transição da personagem entre o medo e a coragem, fazendo com que ela reflita sobre os seus medos e anseios que passam a sua vida.

4. Considerações finais

A partir do que foi exposto, podemos apontar, então, que, cotidianamente, a barata é vista como um inseto que exprime nas pessoas o sentimento de nojo, medo e asco, contudo, o que percebemos com as obras foi que, enquanto no texto de Franz Kafka (1985) a metáfora da barata é usada como um caminho para demonstrar a transformação de uma pessoa, no texto de Clarice Lispector (2014) a metáfora é usada para fazer com que a personagem principal reflita sobre sua vida, vivências e experiências, assim como foi dito anteriormente. Em outras palavras, no texto de Franz Kafka (1985) a barata é sinônimo de transformação, já no texto de Clarice Lispector (2014) as metáforas são usadas como reflexão.

Nessa perspectiva, é válido ressaltar que, por meio das análises e reflexões propiciadas por esse trabalho, as metáforas da barata são utilizadas, portanto, não somente para apontar que elas são insetos pelos quais devemos ter nojo, mas que podemos ver nelas uma forma de nos transformarmos e refletirmos sobre que tipo de humanos somos ou queremos ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAQUET, Chantal. *Filosofia do odor*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, s/d.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Disponível em:

http://www.dominiopublico.es/libros/K/Franz_Kafka/Franz%20Kafka%20-%20A%20Metamorfose_pt.pdf. Acesso em: 04-08-2017.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método, criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: As mutações do olhar – O século XX*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 15-82.

VIGARELLO, Georges. O que encobre e o que se vê. In: _____. *O limpo e o sujo: uma história de higiene corporal*. São Paulo: Martins, 1996, p. 45-87.